

Considerações sobre Turismo Rural no Estado do Rio de Janeiro*

Rogério dos Santos Seabra**

RESUMO

Focaliza-se, aqui, o turismo rural no interior fluminense, buscando sua ligação com a paisagem rural. Abordam-se alguns reflexos deste fenômeno no desenvolvimento da produ-

ção agropecuária no estado do Rio de Janeiro e também na organização do espaço rural.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; espaço rural; estado do Rio de Janeiro.

O termo turismo, em geral, transformou-se em sinônimo de viagem, ou seja, o turista é aquele indivíduo que busca conhecer e/ou desfrutar de um lugar diferente daquele de seu cotidiano (Barreto, 2001). Os motivos desta busca são, basicamente, segundo Callado & Amorim (2001), deficiência do lugar de origem, atrações do lugar para onde se vai e até o *status* que uma viagem pode proporcionar.

Desta forma, podemos considerar o turismo como um fluxo de pessoas e informações (geralmente propagandas sobre algum lugar). Estes fluxos não são constantes (sazonais), podem variar no tempo e no espaço geográfico, isto é, existem áreas cuja atração principal existe em determinadas épocas do ano, concentrando turistas neste período. Já uma forma de variação espacial ocorre quando um lugar perde seus atrativos, de forma que os fluxos turísticos dirigem-se para outras áreas.

A paisagem é, certamente, um atrativo turístico. Santos (apud Calvente) afirma que:

Quanto mais a globalização se aprofunda, impondo regulações verticais novas a regulações horizontais preexistentes, tanto mais forte é a tensão entre globa-

lidade e localidade, entre o mundo e o lugar. Mas, quanto mais o mundo se afirma no lugar, tanto mais este último se torna único. (Santos apud Calvente, 2000, p. 34)

Se a paisagem de determinado local for considerada única, passa ser, certamente, uma atração turística. Isto transforma o turista em um consumidor do espaço, ou seja, turistas pagam para usufruir a paisagem particular do local. Assim, podemos considerar a paisagem rural como um forte atrativo turístico, principalmente para as populações urbanas que seguem para o ambiente rural em busca de geodiversidades (Cavaco, 1999), ou seja, paisagens naturais diferentes do cotidiano urbano.

A tipologia usada para a classificação destas modalidades turísticas é bastante complexa. Primeiramente, a própria classificação de área rural e urbana é alvo de críticas (por exemplo: Abramovay, 2000). A classificação oficial (IBGE) determina que todas as sedes de cidades e vilas sejam consideradas urbanas. Não há uma definição específica para o rural, sendo classificado como a porção não urbana. Segundo Graziano da Silva et al.(2001), a atividade do turismo rural é apenas uma atividade dentro

do turismo em áreas rurais: turismo de aventura, turismo ecológico, agroturismo etc. Considerar-se-ão, neste artigo, todas estas atividades como Turismo Rural.

O turismo rural aparece como uma nova função do rural (uma outra seria o abastecimento alimentar das cidades), uma vez que estas áreas em geral exibem a paisagem mais adequada para esta atividade, além de servir como complemento na renda dos agricultores. É proposto por Graziano da Silva et. al. (2001) que esta atividade não resolve o problema, mas sem dúvida ameniza os impactos da queda da renda.

O Estado do Rio de Janeiro concentra cerca de 75% da população na área metropolitana. A metrópole carioca exerce o papel de principal pólo irradiador de fluxos turísticos do Estado. O tradicional fluxo de turistas segue para a Região dos Lagos em busca do turismo de Sol e Mar. O turismo rural no Estado do Rio de Janeiro surge como uma alternativa, servindo de atrativo para turistas que estejam buscando proximidade com a natureza e o bucolismo.

A busca pelas amenidades no interior fluminense é um fluxo antigo. A Família Real seguia, no verão, para a Região Serrana com o objetivo de livrar-se das doenças sazonais que atormentavam a cidade.

Hoje, a Região Serrana, principal fornecedor de hortícolas para a metrópole carioca¹, também recebe turistas em busca de tranqüilidade e do clima ameno. Vejamos alguns exemplos como o caso do distrito de São Pedro da Serra, em Nova Friburgo, onde a atividade turística cresce. Nesta localidade, observa-se o crescimento de pousadas e casas que servem como segunda residência (além de serviços básicos como luz elétrica, telefone, farmácias, supermercados). Isto porque, apesar de estar no ambiente rural, o turista não quer perder o conforto da cidade. Uma peculiaridade da área é a presença de seguidores do sufismo, vindos de diversas localidades.

Em contrapartida, a atividade agrícola diminui e os produtores seguem criando outros mé-

todos de complementar a renda. A família pluriativa está sendo uma solução, ou seja, a família trabalha na própria produção e também prestando serviços como tratorista, jardineiro, caseiro, empregado de pousadas etc. Outra possibilidade é vender a propriedade para a construção de casas de veraneio e pousadas, além do aluguel das próprias dependências para turistas.

Outra localidade interessante na zona Serrana é o distrito de Vargem Grande, em Teresópolis, onde há um significativo crescimento da produção agrícola, porém a principal atividade é o turismo/veraneio (Rua, 2002). O crescimento da atividade turística no distrito tem cerca de 20 anos, com a construção de hotéis, pousadas e casas de veranistas. A integração entre as atividades (agricultura e turismo) existe porque as pousadas e os hotéis de luxo são grandes compradores dos produtos agrícolas produzidos pelos “vizinhos”. Segundo Rua (2002, p. 67), “cerca de 40% dos empregados do Hotel Le Canton (o maior da área) são residentes no local”, além de empregados nos condomínios e pousadas.

Outro é o caso de Mangaratiba e Angra dos Reis, tradicionais produtores de banana e pescados. Esta produção está consorciada com a Mata Atlântica, sendo explorada de forma semi-extrativa. Isto causa problemas com o (IBAMA)². O mercado de bananas do Rio de Janeiro foi dominado pela banana mineira, de melhor qualidade e mais barata. A opção imediata para estes trabalhadores está sendo o turismo desenvolvido na área. Esta mão-de-obra vem sendo empregada no trabalho direto com os turistas, ou seja, jardineiros, caseiros, “barqueiros”, ou em melhorias na cidade, como asfaltamento de ruas. Como reflexo imediato do turismo nessa área, tem-se o processo de especulação imobiliária que compromete a qualidade de vida dos moradores quando as melhores áreas (planas) ficam ocupadas pelo turismo, ao passo que os moradores de classe média e baixa ocupam as encostas íngremes da Serra do Mar.

Outros municípios do Estado também recebem turistas. Vários vêem no turismo uma exce-

lente fonte de recursos e geração de empregos. A criação e recriação de paisagens atrativas são metas de alguns municípios que pretendem inserir-se na rota do turismo rural fluminense (não apenas o turismo rural) e também daqueles que desejam continuar sendo centros turísticos regionais. São os casos de Cabo Frio e de Vassouras.

A preservação da paisagem é um aspecto importante do turismo relacionando à sua hibridez (Becker, 1996), visto que ao mesmo tempo que pode ter um potencial de desenvolver o local, também pode ser um grande destruidor de paisagens. O vandalismo, quando presente no turismo, é totalmente nocivo a esta atividade. Réau apud Yázigi (1996, p. 135) define o vandalismo quando sugere que

Entende-se hoje, pelo termo infamante de "vandalismo", não somente a destruição de monumentos que possuem um caráter artístico ou aos quais se ligam lembranças históricas que os enobrecem, mas a alteração de suas ambiências (vandalismo publicitário), seu deslocamento (elginismo), sua restauração excessiva (vandalismo restaurador). Além disso, a destruição dos sítos naturais é considerada como um ato de vandalismo com igual peso que a destruição dos monumentos feitos pelas mãos dos homens.

Assim podemos ver que o governo, nas diferentes esferas, também é responsável pelo vandalismo, quando cria ou recria paisagens atrativas, modificando a natureza. Estes projetos podem ser bem-sucedidos e atrair um considerável fluxo turístico, porém não devem deixar de ser vistos como ato de vandalismo.

Deve-se respeitar a capacidade de carga (Cavaco, 1999) de cada ecossistema. A atividade turística controlada dificilmente será prejudicial para a comunidade anfitriã deste fluxo.

No aspecto econômico, a abordagem, neste ensaio, será somente de quem se beneficia com o turismo rural. Conforme foi visto, a paisagem particular

é valorizada dentro do contexto de globalização. Entretanto, o turista rural também busca aspectos culturais envolvidos neste espaço. Quando a comunidade local (ou em outra escala, o distrito ou o município) reserva o turismo como sua principal atividade econômica, sofre pelo aspecto sazonal e pela possibilidade de não mais receber estes fluxos. Existe um outro aspecto que é o fato de o lucro concentrar-se em agências de viagens localizadas em áreas distantes do centro de turismo rural.

O desenvolvimento de atividades não-agrícolas na zona rural, entre elas o turismo e o veraneio trazem para as localidades receptoras uma difusão de urbanidades (Rua, 2002), transformando o modo de pensar e agir da população rural. Estas urbanidades criam novas formas no ambiente rural "sem deixar de ser rural, já que mantém muita das especificidades que lhe têm dado tal identidade" (Rua, 2002, p. 54). Através deste raciocínio desenvolvido pelo professor João Rua, podemos notificar a importância da paisagem para fins turísticos e de veraneio. Caso a proliferação de urbanidades não mantivesse a identidade rural, tudo aquilo que é buscado no turismo rural seria destruído pelo caráter artificial que é peculiar ao ambiente urbano. Conforme mencionado, o movimento de turismo/veraneio possibilita novas formas de captação de recursos para as famílias locais, segundo Rua (2002).

Entretanto, é preciso reconhecer que, nesses movimentos, são oferecidas/conquistadas alternativas que permitem às populações nelas envolvidas novas possibilidades (diante das que percebem) de se manter na terra ou nos seus lugares de residência, mesmo que isto faça parte de uma lógica de exploração que ademais, já estava presente em suas vidas. (Rua, 2002, p. 54)

Como atividades não-agrícolas, pertinentes a compreensão de Turismo Rural neste ensaio, aponta-se segundo Graziano (2001), atividades como:

- chácaras de recreio e condomínios rurais;
- pesca amadora;
- turismo em rios e represas;
- fazenda-hotel;
- complexos hípicas;
- festas e rodeios;
- fazendas de caça.

O turismo rural desempenha importante função como organização do espaço rural nas áreas onde seu fluxo é expressivo. O estudo dos impactos sociais, ambientais e espaciais faz-se necessário, considerada a complexidade deste tipo de interação espacial. O desenvolvimento de políticas regionais de desenvolvimento do turismo rural é extremamente necessário para a manutenção desta atividade e das paisagens rurais. Concordando com Graziano da Silva et. al. (2001), não devemos observar o turismo como peça fundamental para a sobrevivência da população rural, mas sim como opção; nem tampouco como elemento de difusão de desenvolvimento para áreas rurais "atrasadas". A produção agrícola visando ao abastecimento da metrópole (apenas a zona Serrana destaca-se neste aspecto, porém apenas nos gêneros hortícolas e olerícolas) e a garantia de sobrevivência da agricultura familiar, com o turismo rural aparecendo como mais uma fonte de renda e não a única, parece a melhor opção. Sabe-se que esta saída é simplista, mas é apenas uma entre várias propostas apresentadas no debate sobre o tema.

NOTAS

- * Este artigo é resultado da pesquisa feita durante a disciplina de Geografia Agrária do Brasil. Encaminhado para publicação em fevereiro de 2002.
- ** Graduando do 5º período do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do

ABSTRACT

This article focus the rural tourism in Rio de Janeiro, trying to connect the tourism with rural landscape. Some of the

Núcleo de Estudos da Geografia Fluminense (NEGEF). E-mail: rsseabra@bol.com.br

- ¹ Esta constatação pode ser feita através de trabalhos de campo realizados no Ceasa-RJ e junto aos produtores na Região Serrana.
- ² Entretanto, a Mata Atlântica potencializa o desenvolvimento do turismo ecológico na região. O crescimento desta atividade aumenta o atrativo turístico, além de possibilitar a preservação da mata, porque ela é o diferencial para a atração de turistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 31 p.
- BARRETO, Margarida. Turismo movimento de pessoas. In: *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Papyrus, 2001. p.19-27.
- BECKER, Bertha. Políticas e planejamento do turismo no Brasil. In: YAZIGI, CARLOS, A. F.; CRUZ, R. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 181-192.
- CALLADO, Antônio & AMORIM, Ceci. *Turismo rural: o relato de um caso*. SOBER. 2001. CD-ROM
- CALVENTE, Maria del Carmem. Turismo rural e Modernização – sua forma e função. *Geografia*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 23-39. jan/2000.
- CAVACO, Carminda. Turismo Rural e Desenvolvimento Local. In: RODRIGUES (Org.). *Turismo e geografia*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 94-121.
- GRAZIANO da SILVA, José et. al. *Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil*. Disponível na internet. www.eco.unicamp.br/projetos/rurban8.html. 25 nov 2001.
- RUA, João. Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G. & RIBEIRO, M. (Org). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002. p. 43-69.
- YAZIGI, Eduardo. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. & CRUZ, R. *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 133-155.

consequences that the tourism brings, can be found in this article.

KEYWORDS

Tourism; rural space; Rio de Janeiro.